

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

Fabião e Amílcar Guerra num artigo inserto na revista *Penélope* (8 1992 p. 9-23), a que, obviamente, Pilar Ciprés não pôde ter acesso; e, aliás, os mesmos investigadores apresentaram, a 7 de Julho de 1997, nos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais, uma conferência intitulada “Vinato: em tomo da iconografia de um mito” (a publicar nas respectivas actas), onde se analisou “o processo de constituição do mito de Vinato como herói nacional português, confrontando-se com as fontes antigas que se lhe referem”. Trata-se, na verdade, de uma outra abordagem do mesmo tema, agora do ponto de vista do nacionalismo militante.

O livro de Pilar Ciprés é o que o seu título indica: a guena, a sociedade que a viveu. Há o instante seguinte: o pós-guena, a aculturação, a interpenetração de culturas e ideologias. Haverá, com Sertório, como Félix García Morá dirá, um outro episódio (*Un Episodio de la Hispania Republicanana: la Guerra de Sertorio*, Granada, 1991). Mas essas são outras histórias que não vinham ao caso agora. Pilar Ciprés quis deter-se no momento inicial - e dele nos transmitiu a imagem de que, na verdade, andávamos carenciados. Os circunstanciados índices (de fontes literárias, onomástico e de divindades, geográfico, etnográfico, *rerum*) contribuem para uma consulta eficaz.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Vedrana Delonga - *The Latin Epigraphic Monuments of Early Mediaeval Croatia*, ed. do Museum of Croatian Archaeological Monuments, Split, 1996 (XXX + 639 pp., 84 estampas e 1 mapa) (*).

O Museu dos Monumentos Arqueológicos da Croácia, instituição centenária sediada em Split, editou, em 1996, como primeiro volume da sua colecção *Monumenta Medii Aevi Croatiae*, a obra de Vedrana Delonga, *The Latin Epigraphic Monuments of Early Mediaeval Croatia*. Trata-se de um volume com perto de 650 páginas, onde se procede ao estudo de 237 inscrições ou fragmentos de inscrições medievais latinas, com cronologias compreendidas entre os meados do Séc. IX e os fins do Séc. XI. A obra foi editada no quadro das comemorações dos 125 anos de investigação arqueológica na

(*). Uma versão mais sucinta deste texto foi lida, em 18 de Julho de 1997, na apresentação pública da obra da Dr^a. Vedrana Delonga, numa cerimónia que decorreu no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Croácia. Diríamos, desde já, que foi uma forma particularmente feliz de comemorar este evento.

A autora, Vedrana Delonga, é licenciada em Arqueologia pela Universidade de Zagreb, e ocupa, desde 1974, o lugar de conservadora do Museu dos Monumentos Arqueológicos da Croácia, sendo, assim, uma boa conhecedora do património arqueológico da Croácia e da Dalmácia, a área geográfica a que correspondem as inscrições latinas aqui estudadas. De resto, a maior parte destas inscrições pertence precisamente ao fundo do Museu dos Monumentos Arqueológicos da Croácia (que detém 178 inscrições, ou seja 75% do acervo aqui retratado) (*). No entanto, não foram esquecidas as colecções de outros museus e de diversas instituições. Mas, estranhamente, não foi inventariada nenhuma inscrição preservada nos monumentos, *in situ* ou reaproveitada, não sabemos se por opção metodológica da autora ou se pela sua simples inexistência. De igual modo, apenas foram contempladas inscrições gravadas sobre suportes pétreos, dentro do que poderíamos designar como um “conceito clássico” ou “conservador” de Epigrafia, que Robert Favreau tão bem desmontou em algumas das suas obras (2). Ficamos sem saber se, nesta zona da Croácia, existem inscrições registadas sobre suportes de outra natureza (como o metal, o marfim, a madeira, os mosaico, etc), e se, portanto, a presença exclusiva de inscrições sobre suportes pétreos foi resultado, também, de opção metodológica.

A obra de Vedrana Delonga impressiona pela qualidade gráfica, excelente, pela segurança metodológica da sua autora e pelo extraordinário número de inscrições inventariadas para a época em causa, muito distante do número conhecido, por exemplo, em Portugal para idêntico período. Efectivamente, o nosso inventário da Epigrafia Medieval Portuguesa permitiu identificar apenas 2 inscrições para o Séc. DC, 15 para o Séc. X e 32 para o Séc. XI, num total de 49 epígrafes (3). Ou seja, conhecemos em Portugal, para o mesmo período abordado por Vedrana Delonga, um quinto das inscrições

(*) As contagens e percentagens apresentadas ao longo desta recensão crítica são da inteira responsabilidade do autor deste texto, e não da Dr*. Vedrana Delonga.

(2) Vd., sobretudo, Robert Favreau, “L’Épigraphie Médiévale”, *Cahiers de Civilisation Médiévale*, vol. XII, Poitiers, 1969, pp. 393-398 (reed, in Robert Favreau, *Études d’Épigraphie Médiévale*, vol. 1, PULIM, Limoges, 1995, pp. 1-12); e Robert Favreau, *Les Inscriptions Médiévales*, fase. 35 da col. «Typologie des Sources du Moyen Age Occidental”, Brepols, 1979. A vasta obra de Robert Favreau, de uma incontornável importância para a Epigrafia Medieval, de que foi o grande renovador, é, de resto, uma das estranhas ausências na bibliografia deste catálogo.

(3) Cf. Mário Jorge Barroca, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, voi. II, tomo 1, diss. de doutoramento policopiada, Porto, 1995, Insc. N° 1 a 49, pp. 19-121.

que esta autora inventariou para uma pequena zona da Croácia e da Dalmácia. Mesmo tendo em conta que, em muitos casos, os números de inventário da sua obra correspondem a fragmentos de inscrições, que poderiam pertencer, originalmente, a uma mesma epígrafe, a distância entre os dois países é sem dúvida muito grande, reflectindo diferenças culturais e circunstâncias políticas distintas.

O *Corpus* Epigráfico encontra-se organizado segundo um critério geográfico, o que é uma opção legítima se tivermos em atenção que a maior parte das inscrições são textos sem datação expressa. Foram individualizados três grandes espaços geográficos - a Dalmácia Central, a Dalmácia do Norte, o Sudoeste da Bosnia - e, dentro destas grandes unidades geográficas, as inscrições foram organizadas por ordem alfabética do respectivo topónimo. A apresentação do catálogo croata obedece a uma série de parâmetros que se repetem para todas as epígrafes. Em primeiro lugar surge a Leitura, usando critérios de transcrição simples mas seguros. Neste aspecto, a autora utilizou apenas três códigos de transcrição: as letras sobreviventes foram sempre transcritas em letras maiúsculas, os desdobramentos de abreviaturas em letras minúsculas colocadas entre parêntesis curvos, e as reconstituições de texto em letras minúsculas colocadas entre parêntesis rectos. Depois da leitura é identificado o Tipo de Monumento onde se registou a inscrição, classificando-se tipologicamente o suporte, sendo de seguida facultados elementos sobre a Localização do achado, as Circunstâncias da Descoberta, o Material, as Dimensões, a Data, e a Descrição. Lateralmente, à margem da ficha, é registada a Literatura, onde se facultam as referências bibliográficas. Quase todas as peças receberam desenho interpretativo das legendas, mas isso não impede que, no fim da obra, encontremos o registo fotográfico, de grande qualidade, imprescindível para o cotejo das leituras propostas. É, neste aspecto, uma obra que soube gerir, de forma sábia e equilibrada, a informação essencial para cada peça e que compreendeu a utilidade do registo fotográfico, que nunca poderá ser substituído pelo desenho já que constitui sempre um documento interpretativo. Por fim, salientemos a presença de uma série de capítulos, onde a autora explora as informações potenciadas pelos documentos epigráficos e um índice de enorme utilidade. Já no que respeita aos quadros sinópticos, com a evolução das letras do alfabeto, a sua utilidade afigura-se bastante menor. Efectivamente, eles encontram-se construídos segunda a sequência numérica do inventário, da inscrição N° 1 até à N° 237. Ora, como o Inventário foi organizado segundo um critério geográfico, e não cronológico, a leitura destes quadros não permite uma visão clara da evolução paleográfica. Melhor teria sido que, aqui, a opção fosse por uma sequência cronológica.

Feita a apresentação da obra nos seus traços genéricos, seja-nos permitido, agora, realçar alguns aspectos que mais despertaram o nosso interesse.

Ao todo, e como já referimos, foram inventariadas 237 epígrafes, todas elas registadas sobre suportes pétreos, com cronologias compreendidas entre os meados do

Séc. IX e os fins do Séc. XI ⁽⁴⁾. Ou seja, um universo epigráfico que se movimenta entre urna Alta Idade Média terminal, Pré-Românica, e os alvares do Românico. Um período que, um pouco por toda a Europa, ficou marcado por transformações estéticas profundas, mas também por mudanças litúrgicas significativas. No caso da Croácia, um período marcado por profundas e importantes mutações religiosas e políticas, que ajudam a compreender melhor este surpreendente acervo epigráfico.

As origens históricas da Croácia mergulham no Séc. VII, quando, cerca de 640, se começa a detectar a fixação do povo Croata na zona a Sul dos Balcãs, vindos da chamada “Croácia Branca”, algures pela actual Polónia. Os Croatas derrotaram, então, os Ávaros, povo que se instalara na antiga Panónia no Séc. VI. A passagem dos Croatas para a província bizantina da Dalmácia, um pouco mais a Sul, terá ocorrido no Séc. VIII ou IX, à volta de 800 d. C. Simultaneamente, nos inícios do Séc. IX, ocorre um acontecimento de crucial importância (quer do ponto de vista epigráfico, quer do ponto de vista político): a adopção da liturgia cristã ocidental, um acontecimento que veio dar novo alento à afirmação autónoma do *Ducatus* da Croácia. Como escreve Vedrana Delonga, “... com a aceitação do Cristianismo e a entrada dentro da esfera espiritual cristã, os Croatas começaram, *de facto*, a sua afirmação política e social na Europa.” (p. 41). Ao longo do Séc. IX, o povo croata organizou-se em Ducado ou Principado o qual, cerca de 925, passou a reino autónomo. A autonomia deste primeiro reino croata prolongou-se até aos fins do Séc. XI, quando, entre 1089-1091, um período de anarquia conduziria à intervenção húngara. As inscrições aqui reunidas, compreendidas entre os meados do Séc. IX e os fins do Séc. XI, correspondem portanto, do ponto de vista político, ao primeiro momento de afirmação da Croácia, quando se desenvolveram condições políticas que permitiram a passagem de pequeno principado (ao longo do Séc. IX) para reino autónomo (nos Séc. X e XI). Desta forma, a importância da documentação epigráfica croata dos Séc. IX a XI ganha novos contornos, tomando-se mais compreensível o extraordinário volume de textos conhecidos. Do ponto de vista político porque estamos perante um novo reino. Do ponto de vista religioso porque se adoptou uma nova liturgia, com outras formas de conceber o espaço sagrado. Sem dúvida que a estreita ligação entre a esfera política e a esfera religiosa potenciou o florescimento deste fenómeno epigráfico. Mas, também não podemos esquecer que ele corresponde a um período onde, por via das transformações litúrgicas adoptadas, deve ter sido intensa a actividade constmtiva.

Justificados os limites cronológicos, abordemos agora a opção geográfica. Ao contrário do que se pode pensar, não se trata de uma obra que aborde toda a epigrafia da

(4) Entre a Insc. N° 10, do séc. VII-IX, e as Insc. N° 36 (fins do Séc. XI) e N° 60 (cerca de 1089).

área da actual Croácia. Pelo contrário, a maior parte do território da actual Croácia escapa ao âmbito deste estudo. As inscrições inventariadas concentram-se numa zona bem delimitada, uma estreita faixa de território situada ao longo da margem oriental do Adriático, na zona das actuais províncias da Dalmácia do Norte e da Dalmácia do Centro. Como a autora sublinha, “... *deve ser realçado que este livro trata exclusivamente do material epigráfico latino da área da Croácia alto-mediéevica. Isto significa que certas inscrições foram excluídas, especialmente aquelas das cidades orientais do Adriático como Split, Trogir, Zadar e outros centros histórico-culturais que se desenvolveram, nos tempos alti-mediéevicos, Le. até ao séc. XI, como entidades socio-políticas especiais no sistema da Dalmácia Bizantina*” (1996, p. 16). Do ponto de vista geográfico, o *corpus* regista, portanto, apenas as inscrições produzidas dentro dos limites do reino croata dos Séc. IX-XI. Esta opção levou a que fossem excluídas todas as inscrições das cidades de Zadar (a Norte) e de Trogir e Split (a Sul), por serem, nessa altura, pertença bizantina, não integrando o reino da Croácia. Deste modo, ficaram de fora três importantes áreas urbanas que tinham alguma projecção cultural e onde se regista uma importante produção epigráfica, que será objecto de tratamento noutra volume desta mesma colecção. Por outro lado, toda a área Norte e Interior da actual Croácia, que se prolonga pela zona de Zagreb e chega até às margens do Danúbio, ficou de fora deste inventário. Trata-se, portanto, de uma opção de geografia histórica, independente das actuais fronteiras, mas que parece ser perfeitamente legítima já que permitiu delimitar um espaço com coerência cultural e histórica (5).

Em relação à distribuição cronológico-artística das inscrições, verifica-se uma larga predominância dos monumentos pré-românicos (que se podem balizar entre os meados do séc. IX e os meados do séc. XI), que representam 182 exemplares (76 % do total), enquanto que os monumentos do primeiro românico (balizados entre os meados do séc. XI e os inícios do Séc. XII) contam apenas com 35 epígrafes (14 %). Ou seja, ao contrário do que acontece em Portugal e em tantas zonas da Europa, onde a afirmação do Românico corresponde a um crescendo epigráfico, com um volume cada vez maior de inscrições conhecidas, o panorama da Croácia medieval parece ser o inverso, sendo a afirmação do primeiro românico acompanhada por um retrocesso epigráfico significativo.

Outro aspecto que gostaríamos de chamar a atenção é para a distribuição tipológica destas inscrições. Apesar de ser uma sequência relativamente ampla, não deixa

(5) Registemos, ainda, que a herança epigráfica medieval na zona da actual Croácia é tri-lingue e que recorre a diversos alfabetos - o Latino, o Esloveno-Glagólico e o Cirílico-Occidental. Os primeiros documentos epigráficos croatas foram, no entanto, criados em latim (desde os inícios do Séc. IX), e é só a partir dos fins do Séc. XI que se assiste ao aparecimento dos textos em Esloveno e Cirílico-Occidental (cf. sublinha Yedrana Delonga - op. cit., p. 17). Assim, atendendo aos limites cronológicos e geográficos definidos para esta obra, apenas estava em causa a epigrafia latina.

de ser, igualmente, uma série monótona. Na realidade, a quase totalidade das inscrições relaciona-se com monumentos sacros. Diríamos que se trata, acima de tudo, de uma Epigrafia do Sagrado que esteve associada sobretudo à dignificação do Altar. Na realidade, os próprios suportes do texto epigráfico denunciam a sua função. A esmagadora maioria das inscrições pertence aos enquadramentos arquitectónicos com que se monumentalizavam os altares: às arquitraves, aos arcos e aos gabletes dos altares correspondem a 197 exemplares (ou seja, 83 % das inscrições). Se a eles associássemos todos os restantes testemunhos epigráficos que se relacionam de alguma forma com o Altar - as Mesas de Altar, os Plúteos, os Cibórios, os Ambões e as Transenas - este número ascenderia a 211 inscrições (ou seja, 89 %). E, se alargássemos a contagem a todos os testemunhos que integravam directamente o espaço sagrado, ou seja, se incluíssemos as Pias Baptismais e de Água Benta, as Ombreiras de Portas e os Linteis, o cômputo ascenderia a 223 inscrições (94 %). Ficam de fora apenas catorze exemplares: cinco epitáfios, dois crucifixos de pedra e sete fragmentos de finalidade desconhecida. O peso do Sagrado é, portanto, esmagador. O quadro tipológico que organizámos a partir do inventário de Vedrana Delonga deixa transparecer bem essa realidade:

Esta predominância do Sagrado revela-nos, ainda, que, ao contrário do que o número elevado de inscrições registadas poderia deixar transparecer, não se trata de uma sociedade que use de forma alargada a Epigrafia. Na realidade, a análise da colecção epigráfica agora publicada permite verificar que se trata de textos criados em ambientes religiosos - por presbíteros, diáconos ou outros membros da hierarquia eclesiástica. E que, quando se trata de inscrições que escapam a *objecti vos* estritamente religiosos, foram mesmo assim concebidas para figurarem em monumentos religiosos (como é o caso, por exemplo, dos epitáfios). A série epigráfica croata revela-nos uma sociedade onde o domínio da escrita e do Latim estava circunscrito a um número restrito de elementos, essencialmente eclesiásticos, que detinham o monopólio da escrita e que asseguravam igualmente o seu ensino. Uma sociedade onde o Latim constituía um meio de comunicação apenas utilizado pelos estratos sociais mais elevados, não sendo, por isso, a linguagem epigráfica nem acessível a todos (porque muitos não sabiam ler) nem compreensível por todos (por desconhecimento da própria língua). Isto quer dizer que a maioria da população não só não conseguia ler uma inscrição como, se alguém lhes lesse o texto, não tinha possibilidade de compreender o seu conteúdo. Como escreve Vedrana Delonga, “*tendo em conta que a literacia no início da Idade Média era muito rara e era, de facto, um meio de comunicação exclusivo de um nível elevado, as criações deste período no domínio da Epigrafia permaneciam um emblema e um privilégio dos governantes e das classes mais altas da sociedade. Participando na sua criação, estavam as estruturas reinantes do tempo e um pequeno círculo culto dos representantes da “escola latina”, principalmente oriundo dos clérigos beneditinos.*” (p. 38).

No que concerne aos seus conteúdos, este *corpus* compreende inscrições que podem ser classificadas pela autora dentro de três grandes grupos:

- as inscrições de dedicação (“*early mediaeval dedicatory inscriptions*”)
- as inscrições de conteúdo litúrgico ou sacro (“*general liturgical inscriptions*”)
- as inscrições funerárias (“*epitaphs*”).

As inscrições de dedicação correspondem a 75% das epígrafes inventariadas. Se, a estas acrescentarmos as restantes inscrições relacionadas com aspectos litúrgicos ou sacros, o volume ascende a 232 inscrições (ou seja, 97,9 %). Na sua maioria, destinavam-se a ficar no interior do templo, sobretudo concentradas em torno do Altar (arquitraves, gabletes, arcos, cibórios, ambões, plúteos, transenas). Eram, portanto, visíveis a quem assistia ao ofício. Mais raras eram as inscrições destinadas à zona da entrada das igrejas (gravadas nos lintéis e nas ombreiras das portas). Neste sentido, estamos perante uma opção que contrasta de alguma forma com a que nos habituamos a encontrar no Ocidente e na Península, e que resulta de uma diferente forma de conceber o espaço sagrado, bem mais perto da sensibilidade bizantina.

O volume das inscrições de dedicação e de conteúdo litúrgico chama-nos a atenção para outro aspecto que gostaríamos de aqui sublinhar: a fraca expressão da Epigrafia Funerária. Ao todo, estão apenas identificados cinco epitáfios (ou seja, 2,1 % do total das inscrições). E, de uma maneira geral, são epitáfios tardios: um do séc. X, e quatro do Séc. XI ⁽⁶⁾. Na epigrafia medieval portuguesa também não conhecemos nenhum epitáfio para o Séc. IX (como acontece para o reino medieval da Croácia), mas já para o séc. X e XI possuímos bastantes mais elementos. No Séc. X os epitáfios correspondem a 1/5 das inscrições conhecidas, e no Séc. XI representam já 1/3 do universo total. Na centúria seguinte ascenderiam a quase metade do volume total das inscrições conhecidas, mantendo-se um pouco acima dos 50 % para as centúrias seguintes. O panorama croata dos Séc. IX a XI, onde as inscrições funerárias correspondem apenas a 2,1 % do total, é, portanto, neste aspecto substancialmente distinto do nosso.

Outro aspecto onde a colecção epigráfica estudada por Vedrana Delonga se revela, igualmente, muito distinta do panorama português diz respeito ao uso dos elementos cronológicos. A maior parte das inscrições croatas não facultam elementos de datação directa, tendo recebido datação crítica por parte da autora. Só quem está habituado a lidar com materiais epigráficos não-datados sabe como é ingrato, e difícil, estabelecer este tipo de datações. Apenas 4 epígrafes (num total de 237) ostentam, nos seus textos, elementos de datação precisos (1,7 %) ⁽⁷⁾. A colecção epigráfica croata é, neste sentido,

⁽⁶⁾ Insc. N° 97 (de 976); N° 75 e N° 76 (Séc. XI); N° 37 e N° 104 (fins do Séc. XI).

⁽⁷⁾ Ainsc. N° 91 (de 888), a N° 97 (de 976), a N° 106 (de 886 ?) e a N° 118 (de 895).

também bastante diferente da série portuguesa, onde, para os séc. IX a XI, encontramos 55 % das inscrições com elementos cronológicos expressos (27 inscrições num total de 49 exemplos). Numa outra dimensão, registemos a contagem directa do *Anno Domini*, o que, para os investigadores portugueses e peninsulares, habituados a lidar com a Era Hispânica, não deixa de chamar a atenção.

Do ponto de vista paleográfico, é importante realçar como a epigrafia croata apresenta extraordinários pontos de contacto com a Península Ibérica, revelando, afinal, que ao nível dos alfabetos capitais ou, pelo menos, ao nível da escrita sem *ductus*, o espaço mediterrânico continuava a apresentar grandes pontos de união. Muito mais do que ao nível da escrita sobre suportes flexíveis, registada com pena e cálamo e com recurso a tinta, onde os regionalismos se afirmaram desde a fragmentação do Império, dando origem a escritas nacionais muito diferenciadas. É interessante registar, de resto, como a evolução dos alfabetos epigráficos se realizou no mesmo sentido em Portugal e na mediévica Croácia. Efectivamente, muitas das soluções gráficas adoptadas nas inscrições croatas revelam opções idênticas às das suas congéneres peninsulares: os mesmos OO angulosos, os caracteres com as hastes verticais ultrapassando o corpo principal da letra (por exemplo, os BB, EE, FF, NN, e RR), os AA e MM com segmento central descendo verticalmente, etc., tudo características que encontramos nos alfabetos moçárabes peninsulares dos Séc. IX a XI. Mesmo ao nível de algumas abreviaturas e dos sinais específicos de abreviatura, muitas opções são similares.

Para finalizar, uma brevíssima chamada de atenção para os aspectos artísticos e estéticos, nomeadamente para a quase ausência de relevos figurados, ainda muito dentro da desconfiança desencadeada pela crise iconoclasta do Séc. VIII, que certamente se fez sentir mais na zona da Croácia e do Mediterrâneo Oriental, mas à qual Portugal e a Península Ibérica também não foram de todo estranhos. Estas circunstâncias, apenas ultrapassadas com a afirmação do Românico, transformam a série epigráfica croata numa sequência onde domina, de forma expressiva, a decoração com temas vegetalistas ou abstractos. Os primeiros com os acantos, as palmetas, os motivos florais e, sobretudo, as folhas em forma de gancho, tratadas de perfil e rematadas com pequenas espirais (presentes em 157 peças, ou seja em 66 % dos casos). Os motivos abstractos com os entrelaçados, as fitas e outros temas, muitas vezes tratados a bisel. Mas, apesar da presença maioritária de decorações vegetalistas e abstractas, já se detectam algumas excepções, onde os artistas não se coibiram de representar a figura humana ou animal. Salientemos, pela qualidade plástica evidenciada, a série dos gabletes de altar, onde impera a cruz com o seu interior tratado com entrelaçados, ladeada, em baixo, por duas pequenas aves debicando cachos de uvas, ainda esteticamente muito ligada a uma mentalidade e ambiência de origem paleocristã. Em Portugal, este tema - as pequenas aves debicando cachos de uvas - surge vulgarmente em ambientes paleocristãos (quer tardo-romanos, quer visigóticos). O inventário de Vedrana Delonga regista pelo menos oito exemplares

de gabletes de altares decorados, no prospecto principal, com este tema ⁽⁸⁾, todos com cronologias compreendidas entre a segunda metade do Séc. IX ⁽⁹⁾ e a primeira metade do Séc. XI ⁽¹⁰⁾, portanto pré-românicos. Merece igualmente destaque o gablete que recebeu o N° 26, que ostenta a Virgem nimbada, erguendo a mão esquerda em sinal de bênção, uma peça do primeiro românico, datada do terceiro quartel do Séc. XI. Ou a notabilíssima peça n° 32, uma *transenna* dos meados do séc. XI: uma placa vazada representando uma *Maiestas Virginis*, com a Virgem segurando o Menino ao centro, dentro de moldura losangular, cantonada pelo Tetramorfo, a representação apocalíptica dos quatro Evangelistas, segundo a visão alucinante de S. João relatada no livro do Apocalipse. E, para terminar, não podemos deixar de realçar a qualidade estética do cibório pré-românico do baptistério da Igreja de S.f. Marta de Bijaci, na Dalmácia Central, uma peça dos meados do Séc. IX (Insc. N° 7), e da Pia Baptismal da Catedral de Nin, na Dalmácia do Norte, peça dos inícios do Séc. IX (Insc. N° 173). Ambas podem ser consideradas peças de primeiríssima qualidade, que ombreiam com o que de melhor a Europa conhece para a época.

Poderíamos prolongar estas considerações por muitos outros aspectos, já que o estudo de Vedrana Delonga fornece dados para muitas perspectivas. Terminaremos como começamos - reiterando que a publicação desta obra constituiu um marco e um acontecimento no panorama dos estudos de Epigrafia Medieval europeia. A Croácia, o Museu dos Monumentos Arqueológicos da Croácia e, particularmente, a Dr³. Vedrana Delonga, estão de parabéns. Países com tradições históricas firmadas há muito, que não atravessaram os problemas que a Croácia teve de vencer num passado recente, e com equipas constituídas por vários investigadores a trabalhar há vários anos, continuam a não dispor de inventários exaustivos publicados. Outros países, com patrimónios epigráficos muito importantes, não possuem sequer planos conhecidos para a edição das suas fontes epigráficas medievais. A Croácia, ao editar o estudo da Dr³ Vedrana Delonga, colocou-se, de uma assentada, na vanguarda dos estudos de Epigrafia Medieval. A edição desta obra foi, por isso, uma forma particularmente feliz de se assinalar em os 125 anos da investigação arqueológica da Croácia altimedieval. Ficamos a aguardar, com natural curiosidade, os próximos volumes desta colecção que irão dedicar a sua atenção não apenas à Epigrafia medieval, mas também ao riquíssimo património arquitectónico e arqueológico da Croácia altimedieval.

MÁRIO JORGE BARROCA

⁽⁸⁾ Insc. N° 22, N° 77, N° 99, N° 118/2, N° 127, N° 130/2, N° 131 e N° 229.

⁽⁹⁾ A.D. 879-892 - Insc. N° 130/2, 131 e 229.

⁽¹⁰⁾ Insc. N° 99.